

O 'capitalismo de terror' habilitado pela tecnologia está se espalhando pelo mundo. Os regimes de vigilância devem ser interrompidos

FONTE: [The Guardian](#) | 24/07/2020 | Tradução: Charles Rosa

Quando Gulzira Aeulkhan finalmente fugiu da China para o Cazaquistão no início do ano passado, ela ainda sofria de dores de cabeça e náuseas debilitantes. Ela não sabia se isso era resultado dos guardas de um campo de internamento baterem na cabeça dela com um bastão elétrico por passar mais de dois minutos no banheiro, ou da dieta forçada de fome.

Talvez fosse simplesmente o horror que ela havia testemunhado – os sons das mulheres gritando quando eram espancadas, o silêncio quando voltavam para a cela.

Como cerca de 1,5 milhão de outros muçulmanos turcos, Gulzira havia sido internada em um “campo de reeducação” no noroeste da China. Depois de descobrir que ela assistiu a um programa de TV turco no qual alguns atores usavam hijabs, a polícia chinesa a acusou de “extremismo” e disse que ela estava “infectada pelo vírus” do islamismo. Eles previram que isso a levaria a cometer atos de terrorismo, então eles a trancafiaram.

A detenção de Gulzira durou mais de um ano. Ela foi libertada em outubro de 2018, apenas para saber que havia sido designada para trabalhar em uma fábrica de luvas perto do campo. Depois de longas horas atrás de uma máquina de costura, Gulzira foi

mantida em um dormitório cercado por pontos de verificação de segurança que usavam a tecnologia de reconhecimento facial para rastrear seus movimentos e coletar dados de seu smartphone, que ela era obrigada a carregar o tempo todo. Ela recebia US \$ 50 por mês, aproximadamente um sexto do salário mínimo legal na região.

Gulzira foi um dos milhões de alvos de um fenômeno global que chamamos de “capitalismo de terror”. O capitalismo de terror justifica a exploração de populações subjugadas, definindo-as como potenciais terroristas ou ameaças à segurança. Ele gera principalmente lucros de três maneiras interconectadas. Primeiro, são concedidos contratos estatais lucrativos às empresas privadas para construir e implantar tecnologias de policiamento que vigiam e gerenciam grupos-alvo. Em seguida, usando a grande quantidade de dados biométricos e de mídia social extraídos desses grupos, as empresas privadas melhoram suas tecnologias e vendem versões de varejo delas para outros estados e instituições, como escolas. Finalmente, tudo isso transforma os grupos-alvo em uma fonte pronta de mão-de-obra barata – seja por coerção direta ou indiretamente por estigma.

As pessoas visadas pelo capitalismo de terror incluem grupos inteiros sem Estado, como os bengalis étnicos no nordeste da Índia e os árabes palestinos. Eles são quase sempre de populações minoritárias ou de refugiados, especialmente muçulmanos. Embora o sistema chinês seja único em termos de escala e profundidade de sua crueldade, o capitalismo de terror é uma invenção americana e se enraizou em todo o mundo.

Na China, o sistema de capitalismo de terror tem como alvo muitos dos mais de 15 milhões de uigures e outros muçulmanos turcos na região. Forçar essas pessoas a trabalhar com baixos salários significa que menos empregos chineses se mudam para o Vietnã e Bangladesh. As empresas que desenvolveram as tecnologias de policiamento da China agora as vendem para unidades policiais e governos regionais no Zimbábue, Dubai, Kuala Lumpur, Filipinas e em muitos outros locais.

Enquanto isso, na Europa e na América do Norte, as ferramentas de vigilância do capitalismo de terror colocaram centenas de milhares de muçulmanos em listas de observação como parte dos programas de combate ao extremismo violento. Nos Estados Unidos, as medidas de controle de imigração adotadas após o 11 de setembro abriram caminho para um sistema que monitora e controla os solicitantes de asilo que entram no país na fronteira sul.

Esses sistemas usam o rastreamento por GPS para controlar as pessoas de maneira semelhante ao sistema de vigilância no noroeste da China. Depois de ser mantido em um centro de detenção nos EUA, um requerente de asilo paquistanês chamado Asma foi obrigado a usar um monitor de tornozelo com GPS. (Mais de 32.000 estrangeiros nos EUA precisam fazer o mesmo.) Asma nos contou como o estigma associado ao seu monitor de tornozelo a levou a um trabalho mal remunerado. Um dono de um caminhão de comida em Austin, Texas, deu-lhe um emprego porque, segundo ele, os clientes não podiam ver o monitor se ela ficasse atrás do balcão no caminhão. Mas quando o monitor começou a tocar, "Recarregue a bateria! Bateria fraca! Recarregue a bateria! Bateria fraca!" durante o seu turno, um dia, seu chefe a demitiu. Um ano após Asma obter asilo, seu tornozelo está coberto de cicatrizes do monitor e ela frequentemente sente vibrações fantasmas na perna.

Os monitores de tornozelo ainda são predominantes, mas nos últimos dois anos, os requerentes de asilo nos EUA também foram cada vez mais submetidos a "check-ins biométricos" semanais, por meio de um aplicativo chamado SmartLink, que eles são feitos para instalar em seus telefones. Eles precisam manter seus telefones carregados e o GPS ativo o tempo todo. Lorena, uma requerente de asilo que fugiu da violência na Guatemala, ficou inicialmente aliviada por seu monitor de tornozelo ter sido removido, até que ela foi obrigada a dar acesso à Imigração e à Alfândega (Ice) à sua conta de e-mail, que se conecta às suas contas de mídia social.

O aplicativo SmartLink agora está sendo usado para controlar 21.712 imigrantes. Foi desenvolvido pela BI Incorporated, uma empresa que inicialmente projetou monitores de tornozelo GPS. A BI é agora uma subsidiária do Geo Group, uma das principais empresas de prisões e detenções que lucraram com uma expansão dramática das populações de prisioneiros e detidos nos EUA nas últimas quatro décadas. O aplicativo também é suportado pelos provedores de telecomunicações nacionais Sprint e Verizon, com rastreamento de movimento fornecido pelo Google Maps.

A lógica para esses novos regimes de vigilância e controle tecnológico emergiu diretamente da “guerra global ao terror” que o governo George W. Bush declarou em 2001. O mesmo aconteceu com as versões iniciais de muitas das tecnologias de policiamento atualmente em uso no mundo. O novo paradigma começou no Iraque, onde a guerra contra-insurgente exigia uma suspensão dos direitos civis e humanos que permitiam ao exército dos EUA identificar e rastrear os movimentos, atividades on-line, redes e estados de espírito das massas iraquianas. A China acabou seguindo o exemplo, com Xi Jinping justificando a subjugação tecnológica dos muçulmanos do país ao declarar a “guerra do povo ao terror” em 2014.

“A vigilância é sobre o controle e a disciplina de pessoas marginalizadas – sejam pessoas de cor, imigrantes ou pessoas pobres”, diz um funcionário atual da Microsoft, que foi um dos principais investidores iniciais da AnyVision, uma empresa israelense de tecnologia de vigilância que usou reconhecimento facial para monitorar palestinos na Cisjordânia. “As empresas usam a vigilância para disciplinar os trabalhadores. A aplicação da lei usa a vigilância para reforçar o racismo sistêmico e perpetuar o encarceramento em massa. Os Estados usam a vigilância para impor lógicas de fronteira e opressão estatal. A vigilância, como conceito, não é neutra – é sempre sobre controle. “

Como o capitalismo de terror surge no nexos onde o poder de estados como EUA e China encontra o poder de empresas de

tecnologia como Microsoft, Google, Hikvision e SenseTime, combatê-lo exigirá não apenas um público capacitado, mas também pessoas de governos e empresas regular e resistir a formas prejudiciais de vigilância. Há um movimento crescente entre os trabalhadores da tecnologia, de Seattle a Hong Kong, que estão horrorizados com a cumplicidade de seus empregadores no capitalismo terrorista. Juntamente com eles, devemos pressionar essas empresas a se recusarem a lucrar com as ambições militaristas desses estados.

Os nomes de Lorena e Asma foram alterados para garantir seu anonimato.

Darren Byler é pesquisador de pós-doutorado na Universidade do Colorado e autor de dois livros que estão por ser publicados, um sobre os efeitos do capitalismo terrorista entre os uigures e outro sobre tecnologias de reeducação na China e no mundo.

Carolina Sanchez Boe é bolsista de pós-doutorado da Danish Research Foundation. Ela é autora de um livro, The Undeported: The Making of uma população flutuante de exilados na França e na Europa